



*D*ISCURSO DE POSSE DO
PROFESSOR JOSÉ CLÁUDIO PAVÃO SANTANA

*S*AUDAÇÃO DO
DESEMBARGADOR MILSON COUTINHO



**DISCURSO DE POSSE DO
PROFESSOR JOSÉ CLÁUDIO PAVÃO SANTANA**

**SAUDAÇÃO DO
DESEMBARGADOR MILSON COUTINHO**

*Posse na Academia Maranhense
de Letras Juridicas*

Cadeira N°33

Patrono:

José Vera-Cruz Santana

APRESENTAÇÃO

Em nome da Academia Maranhense de Letras Jurídicas tenho a satisfação de apresentar duas obras de alto valor histórico e literário: o discurso de posse do confrade José Cláudio Pavão Santana e a saudação que lhe foi prestada pelo acadêmico Milson Coutinho.

Momentos como aquele, vivido pela Academia, na noite de 4 de dezembro de 1998, não podem ficar no esquecimento. Por isso a iniciativa de publicar as referidas orações merece nossos aplausos. Não só a Academia tem a lucrar com esta publicação, mas a comunidade jurídica e literária do Maranhão.

Parabéns ao Prof. José Cláudio Pavão Santana e ao Desembargador Milson Coutinho pelas peças literárias que nos oferecem. E de parabéns, também, nossa Academia em recebê-las.

São Luís, 28 de dezembro de 1999

Lourival de Jesus Serejo
Presidente

DISCURSO DE POSSE

Meus senhores e minhas senhoras

*“As flôres, umas cáem, outras secam,
outras murcham, outras leva-as o
vento; aquellas poucas se pegam
ao tronco e se convertem em fructo,
só essas são venturosas, só essas são
as discretas, só essas são as que
duram, só essas são as que
aproveitam, só essas são as que
sustentam o mundo”*

Sermão da SEXAGESIMA

Pe. Antonio Vieira

Num momento da história em que as fronteiras virtuais determinam uma nova concepção de tempo e espaço, eis que nos reunimos para evocar à lembrança o homem.

Falar do homem não é tarefa das mais fáceis, particularmente numa terra em que, costumeiramente, a memória é refletida pelo lustre do mármore, a obra é a personificação contida na logomarca, a glória é a extensão da riqueza amealhada.

A mim basta, entretanto, sintetizar este momento: tempo e espaço seriam dimensões inúteis, não fosse a própria existência humana, porque obra divina.

Reservou-me o tempo presente o regozijo de ingressar na Acade-

mia Maranhense de Letras Jurídicas. E o fez pela dimensão mais significativa do homem: a generosidade.

Generosos são os membros desta entidade, porque, inspirados pelo Dr. Lourival Serejo, escolheram a mim para ocupar a cadeira nº 33, cujo patrono é, também, responsável por eu estar, aqui, neste momento.

Por isso, o homem, com sua vida e obra, postas no tempo e no espaço, haverão de conduzir-me nesta jornada. Possa eu, então, haver-me a contento, mesmo que eventualmente traído pela emoção.

Cumpro o ritual solene iniciando estas palavras pela biografia do patrono, num exercício que poupe os senhores do enfadonho e demorado.

A 24 de outubro de 1923, na cidade de Coelho Neto, na "Fazenda Vera-Cruz", nascia o menino José, primeiro e único filho homem, do enlace de José Carvalho Santana e Lina da Silva Santana, de cuja união ainda nasceriam e sobreviveriam as filhas Raimunda, Alborina, Isa, Sofia e Jesus.

Deram-lhe o nome Vera-Cruz, em homenagem ao lugar, guardando o costume da época.

Filho de pequeno proprietário rural, dedicado ao fabrico e comércio de água-ardente, não logrou iniciar as primeiras letras no Maranhão, entretanto. Teve a vida, e dos seus, poupada pela prudência do pai, ao mudar-se para o Estado do Piauí.

Inicialmente, a família estabeleceu-se em Cajueiro, lugarejo do Município de Barras do Maratoan; em seguida no local Ponta do Mato, em União, sendo ali alfabetizado no Grupo Escolar "Fenelon Castelo Branco".

A necessidade de continuar os estudos impôs-lhe a mudança para a capital, tornando-se hóspede do tio Zuca Lopes, na cidade de Teresina, em companhia de quem viveu até completar o curso ginasial, no tradicional Liceu Piauiense, em 1942.

Logo revelou-se amante do idioma pátrio e da história universal, sinalização clara da carreira que mais tarde abraçaria, embora existisse, no íntimo, o desejo de dedicar-se aos estudos da agronomia.

Do ginásio manteve indene a lembrança de convívio com o colega França, bem mais tarde revelado ao Brasil, pelas Minas Gerais, como o político Francelino Pereira.

Urgia continuar os estudos científicos, formação ainda não existente no vizinho Estado, o que o trouxe ao Maranhão, no ano de 1943, para ingressar no Colégio São Luís.

Começava, então, a luta pela sobrevivência, cenário que lhe impôs a tarefa de datilógrafo de petições em escritórios de advocacia, afinal, a pensão da Rua Afonso Pena tinha seus custos, e, embora nos dias de chuva, as goteiras só não cedessem às lágrimas do céu nas arcadas do prédio, era o abrigo em que recostava o pequeno corpo, após cada dia de luta.

O texto fácil e escoreito conduziu-o à apaixonante profissão de jornalista, tendo contribuído para os jornais "Letras da Província", dirigido por Ferreira Gullar e Lago Burnett, "O Marco", órgão oficial da Faculdade de Direito de São Luís, "O Combate", e, por longos trinta e dois anos, o "Jornal O Imparcial", como redator e editorialista.

De petição em petição, o aprendizado do Direito foi inevitável, encontrando no advogado Pádua Rezende atento observador e exigente patrão, logo influenciando-o a abandonar a imaginada carreira de Agrônomo.

Ingressou na Faculdade de Direito de São Luís, acumulando as tarefas de jornalista e datilógrafo, aprendizado que lhe valeu nutrir extraordinária habilidade na arte do teclado. O poder de redação fácil, a síntese imposta pela feitura precária dos jornais, em harmonia com a velocidade com que operava a máquina de escrever, produziam, em profusão, incontáveis artigos.

A paixão pelo jornalismo levou-o à presidência do Sindicato dos Jornalistas, bem mais tarde, tendo sido orientador de inúmeros jornalistas hoje em atividade.

Não descuidou, porém, da vida boêmia, afinal, quem, naquela época, não conheceu a Maroca? A *Boite* Crystal? Quem não passou pelas mãos do infalível "Nêgo Chico", enfermeiro cujos cuidados salvou aventureiros da noite?

Das raras publicações literárias existe a produção de um disco em rotação 78, no qual recita o poema "Beber Cachaça", em verdade a caricatura do célebre poema "Ouvir Estrelas", de Olavo Bilac:

BEBER CACHAÇA

"Ora (dizeis) beber cachaça! Certo
perdeste o sendo! E eu vos direi, no
entanto, que p'ra bebê-la, muita

vez desperto e vou correndo ao
botequim do canto...

Ando depressa p'ra encontrá-lo
Aberto.
Bebo cachaça toda a noite,
Enquanto,
Um bebaço mais longe, outro mais
Perto, Afogam nela dolorido pranto.

Direis agora: Tresloucado amigo!
Por que bebes assim, homem
Perdido!
Acaso tens mata-borrão contigo?

E eu vos direi: bebei! Sorvei a taça!
Pois só quem bebe pode ter sentido
Para entender as manhas da cachaça.”

O convívio intelectual e boêmio aproximou-lhe do Prof. Newton Pavão, artista plástico, pintor, desenhista, com quem, no Bar do Narciso, estabeleceu, inicialmente, amistoso relacionamento, crescente a cada encontro, regado à boa cerveja gelada.

Dali surgiram as primeiras serestas; dali nasceram as primeiras visitas. Dali, sem saber, Vera-Cruz plantara a semente do amor-eterno, que só mais tarde seria transformada em frondosa árvore, ao casar-se com a filha do amigo, sua Newdys, como costumava dizer.

O quotidiano da vida, entretanto, impunha-lhe a convivência mais intensa com os meios jornalístico e intelectual jovem, conduzindo-o, então, ao Centro Cultural Gonçalves Dias, fase que, hoje, nos permite resgatar uma época intensa de produção literária.

O jovem Vera-Cruz, participou ativamente desse momento, encontrando na escrita a arma mais eficaz para manifestar-se, embora tenha mantido em segredo muitos dos contos, peças teatrais e poesias, cartas de natal e cartas de despedida, ainda hoje não publicados.

Dos inéditos podem ser lembrados Diários, zelosos apontamen-

tos do seu cotidiano, em que cada instante do seu romance é tratado com infinita riqueza de detalhes, valendo a pena o registro do dia 7 de junho de 1949:

“O telefone chamou...
- Bendito telefone, que vens
dissipar uma pesada angústia!
E nessa hora,
Se o coração falasse, o coração
Diria, numa prece ou numa jura,
Que sentiu nêsse dia a emoção
Maior, mais bela, mais humana e
pura.”

Se por um lado a timidez lhe era a marca, a jovialidade lhe era favorável, e o instinto acadêmico permitiu-lhe posicionar-se perante fatos diversos do meio judiciário.

Como singelo exemplo, merece registro artigo publicado acerca de decisão aviada pelo Tribunal de Justiça do Maranhão, trazendo à baila dois casos: um, passado em Chapadinha; outro, no Estado do Piauí, ambos enfocados sob a ótica do emperramento processual, avolumados por sucessivos recursos, que tiveram como desfecho trágico, a solução prática do interessado: escrever a sangue a palavra: JUSTIÇA, ao custo de uma vida.

Servindo ao momento apenas o destaque dado à firmeza e elegância do texto, o autor revela-se contundente a partir do título: “Dois casos e um diagnóstico”.

De forma clara e segura, vaticina:

“O enfraquecimento do Poder Judiciário, ou a sua indiferença, produzem tantos males quanto a sua prepotência ou o seu abastardamento. Os exemplos concretos enchem as crônicas judiciais e as reportagens dos jornais modernos, como enchiam as páginas dos escritores do século passado e daque-

les outros mais recuados no tempo e mais distanciados no espaço.”

.....

.....

“Se alguns de nós não tivermos a coragem moral de afirmar, se o derrotismo nos corroer a todos; se os velhos não nos perdoarem e os moços não formarem conôscos, então poderemos baixar a cabeça e dizer: “pobre Pátria do amanhã, os teus filhos enxotaram a Justiça!”

A crítica, contudo, não foi capaz de afastá-lo dos homens do Poder Judiciário, com quem sempre manteve o mais cordial relacionamento pelo resto da vida, merecendo a distinção de saudar, em nome dos advogados, bem mais tarde, dentre outros, os Desembargadores Macieira Neto e Sipaúba da Rocha.

Se por um lado o artigo repercutira, por outro, não foi capaz de mudar a postura simples do articulista, bem retratada em jornal de setembro de 1949, que veiculava os preparativos para a colação de grau da Turma Ruy Barbosa:

“Por maioria, foi escolhido o jovem conterraneo José Vera Cruz Santana para orador da turma de doutorandos, não só em virtude do círculo de amizades de que desfruta no seio de seus colegas, como, também, pelo seu espírito simples, despido de vaidades e preconceitos.”

A escolha impôs-lhe, então, o primeiro encargo. Publicar artigo sobre o centenário de nascimento de Ruy Barbosa, o que foi veiculado nas Letras da Província, merecendo destaque este trecho:

“Quando, então, todos os brasileiros, ou, pelo menos, todos os estudantes e estudiosos do Brasil, conhecendo as obras eternas do Mestre imortal, tiverem a capacidade de discutí-las, na sua inexcedível atualidade, aí, sim, o nosso dever estará cumprido integralmente e as estátuas poderão desaparecer na voragem do tempo, que acima da transitoriedade do mármore estará a eternidade do pensamento.”

Transposta a fase da faculdade, logo casa-se com sua Newdys, dessa união nascendo José Newton, José Sérgio, José Cláudio e José Reinaldo.

A intensa advocacia e a militância jornalística, ao tempo da sedimentação do profissional, permitiram ao patrono que merecesse ingresso na Academia Maranhense de Letras, para ocupar a cadeira nº 35, patroneada pelo ilustre historiador César Marques, sendo saudado na Casa de Antonio Lôbo pelo insigne Professor Domingos Vieira Filho.

A partir daí, inúmeras são as produções literárias.

Na área jurídica, podem ser lembrados o livro FADIGA E ACUMULAÇÃO DE FÉRIAS, O PAPEL DO ADVOGADO NO MUNDO EM MUDANÇA, PRIVILÉGIOS DO ADVOGADO, DA NECESSIDADE DOS CURSOS DE FORMAÇÃO PATRONAL e A QUESTÃO DO ENGENHO D'ÁGUA. Além de farta contribuição à construção legislativa nacional, em especial ao CPC e CLT, e também, farta legislação ordinária, algumas delas ainda hoje vigentes.

Artigos sobre os mais diversos temas publicados em jornais locais; discursos de saudação a José Pires Sabóia e Manuel Caetano Bandeira, na AML, além de centenas de textos esparsos com ênfase na informática e cibernética, na pessoa humana, na doação de órgãos e religião.

Neste último tema revelou-se, sobretudo, o homem-cristão, participante ativo dos movimentos da Igreja Católica, desfrutando junto ao Clero de largo trânsito.

Seu caminho foi longo. Sua vida repleta de sonhos e conquistas, e plena de sentidos. Penso, todavia, que o tempo já vai longe, e a generosidade dos senhores e senhoras aqui presentes tem sido imensa.

Devo, entretanto, pela formalidade exigida, registrar algumas das funções desempenhadas pelo patrono: Redator e Chefe do Serviço de Debates da Assembléia Legislativa; Professor de Legislação do Trabalho, da Escola de Administração Pública da Federação das Escolas Superiores do Maranhão; advogado de sindicatos; Conselheiro da Seccional da OAB-MA, por vários mandatos; membro do TRE do Maranhão, por três biênios; membro do Conselho Diretor da UFMA; redator do Jornal "O Imparcial"; Chefe do Jurídico Estadual da Caixa Econômica Federal de 1951 a 1982, quando aposentou-se, vindo a falecer em 1988.

No desempenho de qualquer dessas funções sempre nutriu o amor pela verdade e pela liberdade, crendo na grandeza do homem, mesmo nos instantes de provocação ou injustiça, revelação contida em texto de sua lavra, no ano de 1971, na defesa desses valores e da sua pessoa:

"No exercício de minha profissão nunca o receio de desagradar conduziu-me a atitudes duvidosas, quer se trate de magistrados, quer de serventuários de Justiça, embora a minha educação doméstica me leve sempre ao tratamento respeitoso e cordial."

.....
.....
"Minha pequena advocacia é limpa e aberta, sem transigências ou concessões pecaminosas, deixando-me autoridade moral para condenar erros, apontar vícios, combater distorções de qualquer natureza. Não sou comprador de barulhos, mas não silencio quando o dever me impõe falar."

Minhas senhoras e meus senhores, desejo agradecer-lhes a distinção com suas presenças, nesta noite.

Falei-lhes um pouco do homem, repartindo o seu passado; falei-lhes do tempo, porque recordei memórias; falei-lhes do espaço em que tudo ocorreu, embora me possa ter perdido entre o temor da emoção e a traição da memória.

Repartir convosco este momento, entretanto, não é minha maior glória. Minha maior glória é poder dizer a cada um de vós: este homem foi meu pai.

Muito obrigado.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Sr. Doutor José Cláudio Santana,

No primeiro quartel do Século XIX, uma das maiores, ricas e ilustres famílias da Província do Piauí, descendia de um tronco comum, o fidalgo arruinado Dom Francisco da Cunha Castelo Branco, irmão do Conde de Pombeiro.

Este D. Francisco, que era Capitão de Infantaria do Exército de Portugal, velejou para as terras do Brasil, vindo a aportar na Capitania de Pernambuco, no Século XVII.

De lá singrou o setentrião na direção do Maranhão, em longa e penosa viagem marítima. Em meio às tormentas, comuns na costa nordestina, naufragou a caravela em que embarcara, vindo a morrer sua mulher. O jovem militar, à custa de ingentes esforços, conseguiu salvar-se a nado, e, como que por milagre, também a duas filhas pequeninas. Isto, pelos idos de 1643.

A missão de D. Francisco era pelear em terras maranhenses na luta pela expulsão do invasor holandês. Cessada aquela guerra, o oficial português mudou-se para a Vila Santo Antônio do Surubim de Campo-Maior, no Piauí. Ao longo do tempo recompôs sua fortuna, lavrando a terra e criando gado vacum e caprino.

Viúvo, veio a casar-se com uma senhora do Maranhão, com quem teve apenas um filho. Este para aqui se mudou, fixando-se na Baixada maranhense. Todos os Castelo-Branco do Maranhão provêm desse tronco, de nome Manuel Castelo Branco.

Pois sim. Um neto de D. Francisco, batizado Francisco Gil Castelo Branco, deixou, também, larga descendência, no Piauí. Duas de suas filhas têm muito a ver com o eminente empossando, e com este pequeno orador de tão grande solenidade.

A primeira delas chamava-se Dona Veneranda Castelo Branco, que veio a se casar com José Joaquim de Santana. A segunda, dona Mariana Rosa de Castelo Branco, que convolveu núpcias com o proprietário Antonio da Silva Coutinho.

O primeiro casal fixou-se em Barra do Maratão, hoje cidade de Barras, e o segundo na Vila do Estanhado, hoje cidade de União. Geograficamente são áreas próximas.

Na linha descendente, Dona Veneranda, casada com José Joaquim de Santana, são os pais de José Francisco de Santana. Este veio a se casar com D. Mariana Fortes Castelo Branco e são os pais de muitos filhos, dentre os quais a Sra. Lina Castelo Branco Santana. Esta se casou com seu tio José Joaquim de Santana, o 2º deste nome, e são os pais de Horácio de Carvalho Santana, casado com D. Sofia de Carvalho Santana.

Este casal teve 4 filhos, dentre os quais José de Carvalho Santana, casado com D. Lina da Silva Santana.

Estes são os pais de José Vera-Cruz Santana, a seu tempo pai do eminente jurista José Cláudio Pavão Santana.

Na outra vertente, a irmã de D. Veneranda, de nome Mariana Rosa de Castelo Branco, veio a se casar com o fazendeiro Antônio da Silva Coutinho, com quem teve 10 filhos. O terceiro deles, de nome Trajano da Silva Coutinho, nascido pelo ano de 1850. Em 1874 casou-se Trajano com D. Raimunda Castelo Coutinho, de cujo consórcio nasceram vários filhos, um dos quais batizado Job da Silva Coutinho, nascido em 8 de março de 1876. Job veio a contrair núpcias com Dona Elvira de Sampaio, filho de Agnello Sampaio e sua mulher Ricardina Gonçalves Sampaio, todos descendentes do tronco Castelo Branco do Piauí.

Do casal, segundo pesquisa efetuada, nasceram muitos filhos, dentre os quais o Dr. Elsior Coutinho, médico na Bahia, falecido no ano passado, aos 96 anos de idade, pai do conhecido cientista Elsimar Coutinho, endocrinologista famoso, e Ditador Joelviro Coutinho, casado com a Professora Elza de Souza Coutinho, pais do modesto orador desta noite.

Como se vê, Dona Veneranda e Dona Mariana Castelo Branco, duas irmãs, são, a primeira, pentavó do Dr. José Cláudio e a segunda, tetravó do juiz que vos fala.

Assim, eminente intelectual, há um caprichoso fio do destino tra-

çado ao longo dos séculos, afunilando nossas origens, até o tronco comum. Posso, agora, fazer um desabafo: se parente é bem-querer, se parente é reciprocidade de amizade duradoura e respeitável, de admiração sem volteios, de solidariedade sem o elo do interesse, vós sois, para mim, parente de 2º grau, vale dizer, irmão.

Na rota dessas teias invisíveis do destino, o tempo se encarregou de outros caprichos, entre nossos antepassados.

Vosso avô José de Carvalho Santana, pelos idos de 1920, foi chamado pelo irmão, Acelino de Carvalho Santana, para morar na Vila de Santana do Curalino, na "Fazenda Vera Cruz", terras de lavrar e criar. Acelino, já em 1934, fora nomeado Prefeito da cidade e José cuidava das propriedades comuns.

Santana do Curalino é hoje a cidade de Coelho Neto, para onde meu avô, Job da Silva Coutinho, também se bandeou.

Em Coelho Neto nasceu o grande o grande Vera Cruz Santana, em 24 de outubro de 1923, indo estudar em União-PI, de onde meu pai se mudara para estudar em Coelho Neto. Nesse passo, os ponteiros do destino se inverteram, porque o filho de União foi estudar em Coelho Neto e o filho de Coelho Neto fora aprender em União.

Passados os tempos, encontro-me, em São Luís, com Vera Cruz Santana. Primeiro, nas lides jornalísticas. Depois, no Conselho Seccional da OAB, e, por fim, no IHGM e na Academia Maranhense de Letras.

O convívio de quem vos fala com o ora empossando, começou pelo concurso comum, em 1986, para Procurador do Estado. Passamos bem. Com notas respeitáveis. Pouco tempo depois, cabía-vos, Dr. José Cláudio, usar da palavra para saudar-me, em posse solitária, nas poltronas do Egrégio Tribunal de Justiça. Naquele dia, 2 de fevereiro de 1994, fizestes menção ao tronco de nossa genealogia. Corre o tempo, sereno e implacável, e novamente coube-vos saudar-me no instante de minha investidura no cargo de Juiz Substituto do TRE-MA. Era o 7 de agosto de 1997.

E, agora, estou a vos dar o retorno, que reputo atrasado, ao aceitar o honroso convite para proferir estas palavras de boas-vindas ao novo confrade da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, Alegria dupla: o patrono escolhido, por vós, foi o meu conterrâneo de Coelho Neto José Vera-Cruz Santana e o titular da cadeira, é o meu colega da PGE e do TRE, José Cláudio Pavão Santana.

Sobre o patrono, coube-vos falar com o sentimento de filho e fundador da cadeira. Sobre vossa pessoa e obra, cabe-me dizer alguma coisa, embora não fosse preciso dizer coisa alguma, para apresentar quem já é presente no mundo do direito, do magistério, da advocacia, da magistratura, das letras jurídicas, da vida social e cultural do Maranhão.

Antes, porém, cabe-me registrar, aqui, um fato que é do conhecimento do brilhante empossando, a propósito dos Castelo Branco de antanho, raízes que deram ao Império e à República, do barão ao tropeiro, do titular imperial ao bandoleiro da Balaiada Lívio Lopes Castelo Branco, dos nobres aos pobres, do cabo de esquadra ao general-presidente, da donzela recatada à rameira descomposta. Mas essa é uma fatalidade de todas as famílias da terra. Ninguém pode atirar a primeira pedra.

Aos mais afoitos e vaidosos, na sua parvoíce sulfurosa, bastava ser um Castelo Branco para assumir a divindade de pai da pátria, aí pelos finais do reinado de Dom Pedro II.

Um intelectual nosso conhecido, Sr. José Cláudio, também regado com linfa dos Castelo Branco, mas, seguramente, com o pé no chão e a cabeça no lugar, tinha esta apóstrofe bem apropriada para esse tipo de vaidade bestialógica. Dizia ele:

— É muito pequena a distância entre os altiplanos estelares de alguns Castelo Branco, e a humildade matuta de muitos Castelo Branco da roça.

Eminente intelectual,

Em rápidos traços biobibliográficos, dir-vos-ei que sois nascido nesta cidade dos sobradões de azulejos, mirantes, sacadas de ferro batido, gradis, mísulas graciosas na beleza de suas frontarias coloniais. Trazeis, no cérebro privilegiado a herança genética de um pai voltado para as letras, e pelo lado materno pulsa-vos nas veias e no sentimento a arte plástica de vosso avô Newton Pavão. De Vera Cruz Santana derivou o vosso gosto para a grande literatura. De dona Newdys Pavão Santana a vocação para a manifestação estética do cinzel e do pincel. O livro, a escultura, a tela.

Em compartimentos estanques, tentarei, na brevidade desta saudação, traçar-vos as linhas mestras, na república das letras.

Jornalista, professor, advogado, magistrado, conferencista, ensaísta, procurador.

No vosso labor de mestre da Universidade, na cátedra de Direito

Constitucional, já caminiais para um quarto de século. Assim, o vosso saber já se multiplicou por muitos cérebros, nesta e noutras Províncias. Quem ensina vive a sua própria vida e a vida dos vossos discípulos. Por esse ângulo, já vos multiplicastes centuplicadamente.

Na trilha de vosso pai, as incursões pelo jornalismo também já deixaram marcas indeléveis em tudo o que escrevestes, poligraficamente distribuídos os temas, que vão dos ensaios jurídicos à narrativa escorreita do dia-a-dia de todos nós.

Na magistratura, abrilhantastes as cadeiras do Poder Judiciário Federal, nas poltronas do Egrégio Tribunal Regional Eleitoral.

Sei, de fonte histórica segura, que o Ministro Marco Aurélio num belo voto proferido no TSE, começou afirmando: Abro aspas. Como disse o Juiz Cláudio Santana, do Maranhão... E leu todo o voto como sendo a razão de decidir.

Vossas palestras e conferências, aqui e nos Estados Unidos, onde vos especializastes, são verdadeiras pérolas do saber jurídico, e se juntados todos esses trabalhos, na unidade de um livro, tomareis assento ao lado dos grandes vultos da cultura maranhense da passante gerações dos homens de pensamento.

Se eu fosse alinhar, aqui, os cursos e estágios de especialidades, outras constantes de vosso currículo, o dia iria romper. E mais: se eu citasse, um a um os vossos estudos críticos, no campo do Direito e nas searas das chamadas letras literárias, e ousar ser redundante sim senhor, novos monumentos seriam oferecidos aos nossos jovens estudantes e a nossos colegas de profissão.

Por vosso labor intelectual, o reconhecimento público já se faz presente nos prêmios e comendas que vos foram outorgados.

Só vos peço, uma coisa: agora que integrais a Casa de Cândido Mendes de Almeida, nossa preclara Academia de Letras Jurídicas, seria do melhor alvitre que désseis à luz da publicidade, em livro, aos memoráveis textos de vossa autoria, intitulados:

PROPRIEDADE EDILICIA ESPECIAL, Recife, 1987; PRINCÍPIOS DO CONTRATO, AUTONOMIA DA VONTADE E SUPREMACIA DA ORDEM PÚBLICA, S. Luís, 1987; A NOTA PROMISSÓRIA DIANTE DA CLÁUSULA DE CORREÇÃO MONETÁRIA, Recife, 1983; REALIDADE JURÍDICA E DIREITO - O PROBLEMA DA SITUACIONALIDADE JURÍDICA, Recife, 1983; O SURGIMENTO DO ESTADO MODERNO, Recife, 1982; FONTES DE DIREITO:

ORIGEM, CONCEITO, VALIDADE, Recife, 1982; O PRINCÍPIO DA IGUALDADE NO DIREITO PROCESSUAL CIVIL, Recife, 1982.

Somadas, essas e outras obras nascidas de vossa pena escorreita, essa constelação rebrilharia com mais intensidade, se a ela fossem acrescentados mais estes trabalhos: O QUE HÁ DE ALTERNATIVO NO DIREITO? S. Luís, 1988; PRÉ-CONSTITUCIONALISMO NA AMÉRICA, UMA ABORDAGEM ACERCA DE MANIFESTAÇÕES CONSTITUCIONAIS NAS TERRAS DO MARANHÃO NO SÉCULO XVII.

Os vossos trabalhos jornalísticos, enfocando temas vários, são, também, jóias literárias dignas das melhores estantes.

Por isso, cumpre-me ressaltar, neste fim de fala, que vossa eleição para nossa Casa foi só o reconhecimento, ainda que tardio, de vosso saber e mérito.

Uma Academia faz-se com celebridades mortas e vivas. Às vezes, porém, um só nome vale por uma Academia inteira. É o vosso caso.

Conta-se que Alexandre, o Grande, quando conquistou Athenas, encontrou, escondido num tonel, a figura imortal do filósofo Diógenes.

Alexandre, homem culto, perguntou a Diógenes, o que queria do novo dono de todas as Ilhas Gregas, ao que o filósofo respondeu:

— Só que saias de minha frente. Estais fazendo sombra ao sol que me ilumina.

Conta-se, também, que prestes a morrer, Alexandre confidenciou aos seus cortesãos:

— Se eu não fosse Alexandre, desejaria ser Diógenes!

Pois bem, mestre José Cláudio: tenho por mim, que o nosso venerando Vera Cruz Santana, lá do alto de sua Glória, e sob o olhar do Supremo Criador, deverá, atento à noite de hoje, estar a dizer a si mesmo:

— Se eu não fosse o pai, gostaria de ser o filho.

Sê-de bem-vindo. Tirai as vossas sandálias, e entrai para a Casa dos pescadores de letras e livros.

O Parnaso, o Monte Olimpo, o Templo de Apolo e o Cenáculo de Themis estão também aqui, nesta Athenas Brasileira, patrimônio da humanidade.

A Academia vos recebe, *ad immortalitem*.

Muito obrigado.

TERMO DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ CLÁUDIO PAVÃO SANTANA

Aos quatro dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e noventa e oito (1998), às vinte horas, no auditório do Tribunal de Justiça, em sessão solene, na presença de acadêmicos, autoridades e convidados, tomou posse como membro efetivo da Academia Maranhense de Letras Jurídicas o acadêmico José Cláudio Pavão Santana, brasileiro, casado, advogado, professor universitário, eleito na sessão do dia 20 de maio de 1997. O acadêmico ora empossado instalará e ocupará a cadeira nº 33 que será patroneada pelo jurista maranhense José Vera-Cruz Santana. Ao usar da palavra o novo acadêmico agradeceu a sua escolha como membro desta Casa e traçou os aspectos biográficos do seu patrono e pai, destacando sua atuação como jornalista, advogado e membro de Tribunal Regional Eleitoral, além de contar com consideráveis publicações jurídicas. Ressaltou, ainda, o acadêmico José Cláudio Pavão Santana que seu patrono era membro da Academia Maranhense de Letras, onde ocupou a cadeira nº 35 que tem como patrono César Marques.

Após a entrega do diploma ao novo confrade, foi concedida a palavra ao acadêmico Milson Coutinho para, em nome da Academia, saudar o empossado. Em sua oração, o confrade Milson Coutinho aludiu aos laços genealógicos que o ligam ao Dr. José Cláudio Pavão Santana, expressando sua satisfação em ter convivido com o patrono da Cadeira nº 33, o jurista José Vera-Cruz Santana, tanto na Academia Maranhense de Letras como no Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, assim como na Ordem dos Advogados do Brasil, seção do Maranhão. Destacou o orador, ao referir-se ao novo acadêmico, ao seu desempenho, sempre exemplar, como juiz do Tribunal Regional Eleitoral, como professor universitário, como escritor e como advogado. Por fim, em nome da Academia, manifestou a nossa satisfação em recebê-lo como membro efetivo, com a certeza de que engrandecerá esta Casa.

Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata que será assinada pelo Presidente, pelo Secretário-Geral e pelo empossado. Eu, Fernando José Machado Castro, Secretário-Geral lavrei e subscrevi.

LOURIVAL DE JÉSUS SEREJO SOUSA
JOSÉ CLÁUDIO PAVÃO SANTANA